

ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA REVISTA BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA DE 2012 A 2022: SOCIOSEXUALIDADE EM FOCO

Yeda Maria Aguiar Portela¹ 

BIBLIOMETRIC STUDY OF THE BRAZILIAN JOURNAL OF HUMAN SEXUALITY FROM 2012 TO 2022: SOCIOSEXUALITY IN FOCUS

ESTUDIO BIBLIOMÉTRICO DE LA REVISTA BRASILEÑA DE SEXUALIDAD HUMANA DE 2012 A 2022: LA SOCIOSEXUALIDAD EN EL FOCO

Resumo: A Revista Brasileira de Sexualidade Humana (RBSH), lançada em 1990, pela Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, tem enorme importância para a ciência, por ser reconhecida como a principal publicação periódica brasileira no campo de estudos da sexualidade humana dedicada à divulgação de artigos científicos com aderência à temática sexualidade, tornando esse conhecimento público e acessível. Nesse sentido, o presente estudo objetiva, a partir de estudos bibliométricos, conhecer a área e os temas de maior crescimento na produção científica da Sexologia, por meio da Revista Brasileira de Sexualidade Humana, nos últimos anos, período de 2012 a 2022. A Sexologia, ao longo de sua história no Brasil, teve uma forte influência de estudos normativos clínicos, culminando em um aumento do número de pesquisas e artigos científicos, dado esse confirmado no presente estudo. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 21 artigos satisfizeram o critério de elegibilidade, denotando a área sociosexualidade com maior quantidade de estudos publicados, em relação às outras áreas da Sexologia: educação em sexualidade e fisioterapia em sexualidade, razão pela qual essa área se tornou objeto de estudo. O presente trabalho justifica-se por conhecer os direcionamentos investigativos da Sexologia, no Brasil, por meio da RBSH. A maior quantidade de estudos na área da sociosexualidade sugere um crescente interesse em novos rumos sociais, na promoção de ações efetivas de proteção, de educação e de saúde, para que as pessoas, em destaque as pertencentes aos grupos mais vulneráveis, possam usufruir de uma sexualidade saudável, com menos riscos, livre de discriminação e de violências, alicerçada na defesa dos Direitos Humanos e dos Direitos Sexuais.

Palavras-Chave: Revista Brasileira de Sexualidade Humana; Sexologia; Sociosexualidade.

Abstract: The Revista Brasileira de Sexualidade Humana (RBSH), launched in 1990 by the Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (Brazilian Society of Studies in Human Sexuality), is of enormous importance to science as it is recognized as the main Brazilian periodical in the field of human sexuality studies dedicated to the dissemination of scientific articles on the subject of sexuality, making this knowledge public and accessible. With this in mind, the aim of this study, based on bibliometric studies, is to find out the area and themes of greatest growth in the scientific production of Sexology, through the Brazilian Journal of Human Sexuality, in recent years, from 2012 to 2022. Sexology, throughout its history in Brazil, has had a strong influence from clinical normative studies, culminating in an increase in the number of research and scientific articles, a fact confirmed in this study. After applying the inclusion and exclusion criteria, 21 articles met the eligibility criteria, showing that the area of sociosexuality had the highest number of published studies, compared to the other areas of Sexology: education in sexuality and physiotherapy in sexuality, which is why this area became the object of study. This study is justified in order to learn more about the investigative directions of Sexology in Brazil, through the RBSH. The greater number of studies in the area of sociosexuality suggests a growing interest in new social directions, in promoting effective protection, education and health actions so that people, especially those belonging to the most vulnerable groups, can enjoy a healthy sexuality, with fewer risks, free from discrimination and violence, based on the defense of Human Rights and Sexual Rights.

Keywords: Brazilian Journal of Human Sexuality; Sexology; Sociosexuality.



¹Doutora em Educação. Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Departamento de Pós-Graduação, Professor Convidado, São Paulo, Brasil.
yportelapsi@terra.com.br

Resumen: La Revista Brasileira de Sexualidade Humana (RBSH), lanzada en 1990 por la Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (Sociedad Brasileña de Estudios en Sexualidad Humana), es de enorme importancia para la ciencia por ser reconocida como la principal publicación periódica brasileña en el área de estudios de sexualidad humana dedicada a la divulgación de artículos científicos sobre el tema de la sexualidad, haciendo público y accesible este conocimiento. Teniendo esto en cuenta, el objetivo de este estudio, basado en estudios bibliométricos, es conocer el área y los temas de mayor crecimiento en la producción científica de la Sexología, a través de la Revista Brasileña de Sexualidad Humana, en los últimos años, de 2012 a 2022. La Sexología, a lo largo de su historia en Brasil, ha tenido una fuerte influencia de los estudios clínicos normativos, culminando en un aumento del número de investigaciones y artículos científicos, hecho confirmado en este estudio. Después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión, 21 artículos cumplieron los criterios de elegibilidad, mostrando que el área de sociosexualidad tuvo el mayor número de estudios publicados, en comparación con las demás áreas de la Sexología: educación en sexualidad y fisioterapia en sexualidad, razón por la cual esta área se convirtió en objeto de estudio. Este estudio se justifica para conocer mejor la orientación de la investigación en Sexología en Brasil a través de la RBSH. El mayor número de estudios en el área de la sociosexualidad sugiere un creciente interés en nuevas orientaciones sociales, en promover acciones efectivas de protección, educación y salud para que las personas, especialmente las de los grupos más vulnerables, puedan disfrutar de una sexualidad saludable, con menos riesgos, libre de discriminación y violencia, basada en la defensa de los derechos humanos y los derechos sexuales.

Palabras clave: Revista Brasileña de Sexualidade Humana; Sexología; Sociosexualidad.

Introdução

Sexologia é um campo de estudos que aborda as mais diversas questões do comportamento sexual humano. Caracteriza-se por ter um modelo de estudo interdisciplinar, que procura entender e integrar os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais, os quais compõem a amplitude e a diversidade da sexualidade humana e multidisciplinar, abrangendo a psicologia, a educação, a medicina, a antropologia, a sociologia etc. (Serapião, 1997; Lara, 2009; Russo *et al.*, 2011; Torres, 2022).

As áreas de estudo e atuação profissional da Sexologia foram se delineando ao longo do tempo. Haeberle e Gindorf (1993), conforme citado por Giami (2009, p. 24), afirmam que a sexologia médica constitui um dos campos importantes da sexologia, assim como a sociossexualidade, a psicosssexualidade, a etnossexualidade, a educação sexual, as diferentes formas de conselhos e de terapias sexuais, além de outros campos de pesquisa e da prática sexológica. Juntas, elas constituem o corpus da sexologia.

Entre as áreas de estudo e ênfase de atuação profissional referenciadas, de acordo com o Psicólogo Hugues Ribeiro (2023, p. 150, *apud* Portela, 2023), a área da sociossexualidade é a parte de estudos e atuação da Sexologia, que tem como fundamento reconhecer e evidenciar como a sexualidade pode ser influenciada por fatores culturais, sociais, históricos e políticos. Por acompanhar o mundo e a sociedade em seu processo de transformação, apresenta novos enfoques que possibilitam que indivíduos possam usufruir de uma sexualidade livre e saudável, não sendo marcada pela opressão, discriminação, preconceito e violência. Assenta-se na defesa dos Direitos Humanos, a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), e também incluídos os Direitos Sexuais (Declaração dos Direitos Sexuais², WAS, 2014), que devem nortear os fundamentos de uma sociedade que se pretenda ser sexualmente saudável. A sociossexualidade é, pois, um estudo bem abrangente, já que engloba aspectos culturais, sociais, históricos e políticos da sexualidade.

Uma importante menção à área de estudos e de ênfase na atuação profissional da sociossexualidade, na atualidade, encontra-se nas normas para submissão dos trabalhos do XIX Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana (2024), quando:

Envolve trabalhos, pesquisas e projetos que lidam com questões da sexualidade considerando contextos sociais, culturais, situacionais, regionais, históricos, econômicos e outros que influenciam a vida das pessoas na sociedade. (XIX CBSH, 2024, *on-line*).

²A Declaração dos Direitos Sexuais foi proclamada pela *World Association for Sexual Health* (WAS), no 13º. Congresso Mundial de Sexologia, realizado em Valência, Espanha, em 1997. Foi revisada e aprovada em Hong Kong pela Assembleia Geral da WAS, em 26 de agosto de 1999, no 14º. Congresso da WAS.

Entretanto, os termos “sociosexualidade” e “orientação sociosexual” apresentam outras conceituações e são definidos como comportamentos sexuais desprovidos ou não de compromisso social e conexão emocional (Stoppa, 2018, p. 64), foram apresentados pelo biólogo Alfred Kinsey (1894-1956), em seus estudos sobre comportamentos sexuais no macho e na fêmea humanos (Kinsey *et al.*, 1948, 1953). Mais tarde, os pesquisadores Simson e Gangestad (1991, *adup* Schmitt, 2005) divulgaram, na comunidade científica, os referidos termos ao desenvolverem Inventário de Orientação Sociosexual, que mede a propensão ao sexo casual. É uma medida de autorrelato das diferenças individuais, nas estratégias de acasalamento humano, na disposição do indivíduo de se envolver em atividades sexuais fora de um relacionamento (Ferreira, 2013; Gettler *et al.*, 2019).

Sob a perspectiva da Sociologia, essa tem adotado a sexualidade como objeto de investigação, pois “[...] busca organizar conhecimento para problematizar a contribuição que a sociologia pode dar a este campo, ou seja, o papel central que a construção social tem na elaboração da sexualidade humana” (Nascimento, 2004, p.1084). O sociólogo Michel Bozon (2004) tem sido referência nos estudos nesta área, afirmando que a sexualidade fundamenta a legitimação da ordem estabelecida entre os sexos, como também na representação da ordem das gerações, sendo essa forjada pelo contexto cultural.

Ao longo da história do estudo da Sexologia, a ênfase na sociosexualidade foi ganhando o seu contorno. A pesquisadora Jane Russo (2009a), por meio de estudos antropológicos, descreve que o referido campo compreende três áreas de atuação: a medicina sexual, mais próxima da biomedicina; a sexologia clínica, que se articula tanto com a biomedicina quanto com a psicologia; e a sexologia social ou educacional. Sobre a sexologia com a dimensão social, a pesquisadora reporta que essa foi desenvolvida a partir do forte desenvolvimento dos movimentos sociais nos avanços ocorridos no campo dos direitos sexuais e reprodutivos. Assim, a vertente mais “social” do estudo da sexualidade humana sempre esteve presente ao longo de sua história, desde a sua primeira onda (passagem do século XIX ao XX). Esclarece ainda que áreas de atuação da Sexologia – medicina sexual, sexologia clínica e sexologia social ou educacional - “não possuem fronteiras fixas nem rigidamente demarcadas, ao contrário, são porosas, e permitem combinações e articulações entre posições que, em outros contextos, podem se colocar como antagônicas” (Russo, 2009a, p. 15).

De acordo com Serapião (1997, p. 19), ainda na virada do século, “a sociologia e a psicologia social se interessam pela imensa variação sociocultural envolvida em tantas formas de contato, nos vários tipos de casamento, nos direitos sexuais e na própria definição social do que é ser homem ou ser mulher”. Dessa forma, a Psicologia Social foi desenvolvendo interações com a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a História e a Economia, para dar conta de uma série de fatores socioculturais que influenciam a sexualidade humana (Jurberg, 1995).

Já no final da década de 90 e início do século XXI, a terceira onda caracterizou-se no avanço da ciência sexológica em direção à “medicalização” da sexualidade, reforçando a área clínica neste campo, e de profissionais não médicos voltados para a prevenção ou educação sexual, mais próximos das discussões políticas acerca dos direitos e da diversidade sexual (Russo, 2009a). Dessa forma, a área de estudo e de atuação profissional com ênfase no sociocultural ganham força com as discussões políticas sobre direitos sexuais e diversidade de gênero, com o aumento de estudos sobre movimentos sociais de proteção aos mais vulneráveis – mulheres, crianças/adolescentes e população LGBTQIAPN+³.

No que se refere à publicação científica, a Revista SEXUS, editada pelo Núcleo de Estudos em Sexualidade (NUDES), a partir de janeiro de 1989, já propunha “o estudo da sexualidade multidisciplinar, multiprofissional, multi-ideológico e multinacional”, conforme explicitado em sua primeira edição (Nahoum, 1989, p. 04). Em seus artigos abordava temas ligados à sociosexualidade, não só do Brasil, mas de outros países da América Latina. Nesse contexto, o Mestrado em Sexologia, na Universidade Gama Filho (RJ)⁴, apresentou a perspectiva sociocultural da sexualidade ao definir a sociosexologia como uma das suas áreas de concentração (Russo *et al.*, 2011).

³LGBTQIAPN+ - Refere-se à sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agêneros, Pan/Poli, Não binárias e outras identidades de gênero. Busca representar diferentes grupos por sua diversidade de gênero.

⁴Único Mestrado no Brasil e primeiro da América Latina

Entre as instituições brasileiras sobre estudos em sexualidade humana, a Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH), desde a sua formação, em 1987, já apresentava uma ampla visão sobre as áreas de estudo e de atuação profissional, quando ressaltava a importância de abordar a sexualidade dentro de um contexto científico e multidisciplinar: “No primeiro documento enviado aos sócios-fundadores [...] havia um pedido que mostrava o quanto a instituição valorizava a divulgação e a troca de informação científica e a multidisciplinariedade, desde os seus primeiros dias” (SBRASH, 2022, p. 28).

Ainda sobre a entidade, a SBRASH inclui em seus documentos institucionais como finalidades e objetivos estratégicos a emissão de certificados de qualificação profissional, denominados Título de Especialista em Sexualidade Humana, conforme definido no artigo 2º, item IV de seu Estatuto Social. Com base nos critérios estabelecidos pela entidade para a obtenção dessa especialização, a Sociossexualidade é uma das ênfases definidas. Nesse contexto, este estudo bibliométrico também se torna relevante, ao identificar um conjunto de conhecimentos que podem ser exigidos às pessoas que buscam essa certificação na ênfase da Sociossexualidade. Além disso, o artigo 2º resalta o papel da entidade em oferecer suporte técnico especializado não apenas para a ênfase em Sociossexualidade, mas também para áreas como Terapia Sexual, Educação em Sexualidade e, mais recentemente, Reabilitação do Assoalho Pélvico, tanto para instituições quanto para seus membros profissionais (SBRASH, 2019a, 2019b).

Por sua vez, a Revista Brasileira de Sexualidade Humana (RBSH), lançada em 1990, pela Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, tem enorme importância para a ciência, por ser reconhecida como a principal publicação periódica brasileira no campo de estudos da sexualidade humana dedicada à divulgação de artigos científicos com aderência à temática sexualidade. Entre outras características, torna público e acessível o conhecimento relacionado à sexualidade, realizado por profissionais e investigadores de diversas áreas do conhecimento. Ao longo de seus 35 anos, passou da versão impressa para a digital - plataforma OJS⁵ – e com publicação em formato contínuo. Por ser reconhecida como a principal publicação periódica brasileira no campo de estudos da sexualidade humana dedicada à divulgação de artigos científicos com aderência à temática sexualidade, há 35 anos, a RBSH foi eleita para o presente estudo bibliométrico. Por tais razões, o recorte do estudo foi o referido periódico, por sua relevância na qualidade de produção científica em Sexologia e devido à questão temporal.

Abordagem Metodológica: Investigação Bibliométrica da Revista Brasileira de Sexualidade Humana

A investigação descritiva, qualitativa e de metodologia bibliométrica pretendeu conhecer a área de estudo e os temas de maior crescimento na produção científica da Sexologia, por meio da Revista Brasileira de Sexualidade Humana, nos últimos anos, período de 2012 a 2022. O conceito de análise bibliométrica se baseia na evidencição quantitativa dos parâmetros de um conjunto definido de artigos (portfólio bibliográfico) para a gestão da informação e do conhecimento científico de um dado assunto (Ensslin *et al.*, 2010). Esta análise bibliométrica evidencia o estado da arte das publicações nas áreas da Sexologia. A base de dados foi acessada durante os meses de setembro e outubro de 2023.

O periódico “Revista Brasileira de Sexualidade Humana” foi eleito para o presente estudo bibliométrico por sua relevância na qualidade de produção científica em Sexologia e devido à questão temporal. Em relação à apresentação da estrutura da RBSH, apresenta-se compartimentada em seções: editorial, trabalhos de pesquisa, artigos opinativos e de atualização, estudo de caso, resenha e entrevista. Para a análise bibliométrica, foi selecionada a seção “Trabalho de Pesquisa”, por conter estudos científicos sistematizados para investigar, estudar e obter informações ou conhecimentos relacionados à sexualidade humana.

Por uma escolha metodológica do presente estudo, as áreas de estudo e atuação profissional da Sexologia foram classificadas como: clínica, educação em sexualidade, sociossexualidade e fisioterapia em sexualidade.

⁵OJS - *Open Journal Systems* é um software de código aberto e gratuito desenvolvido para a construção e gestão de periódicos acadêmicos eletrônicos revisados por pares, criado pelo PKP - *Public Knowledge Project*.

Por uma escolha metodológica do presente estudo, as áreas de estudo e atuação profissional da Sexologia foram classificadas como: clínica, educação em sexualidade, homossexualidade e fisioterapia em sexualidade.

As seguintes etapas foram seguidas, objetivando o levantamento dos artigos científicos utilizados na análise bibliométrica: 1) Escolha da base de dados; 2) Contabilização das edições e recorte do período da pesquisa; 3) Separação dos dados de interesse; 4) Classificação dos artigos por área; 5) Resultados (apresentação); 6) Análise dos dados obtidos; 7) Exposição e discussão dos resultados; e, finalmente, 8) Considerações finais.

Na fase de diagnóstico do presente estudo, foram extraídas as categorias de análise (temáticas) dos textos selecionados a partir da leitura do título, resumo e palavras-chave. Entretanto, em alguns artigos, foi realizada uma leitura por meio da técnica de leitura flutuante (Badin, 1977), para melhor categorização. Quanto à análise estatística, foi realizada por meio de contagem simples do total de dados de interesse dos artigos selecionados e, posteriormente, realizado o cálculo percentual. No passo seguinte, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo (AC), que Badin (1977) define como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando a obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens.

Resultados

Conforme referenciado, a Revista Brasileira de Sexualidade Humana foi selecionada como base de dados. Quanto à contabilização das edições e recorte do período da pesquisa, em 34 anos de existência da Revista, foram encontradas 68 edições digitalizadas. No período de recorte do presente estudo, de 2012 a 2022, foram publicadas 22 edições e 153 trabalhos.

Em relação à separação dos dados de interesse, 78 artigos foram classificados pelo corpo editorial como “Trabalhos de Pesquisa” e classificados por área, por meio da leitura do título, resumo e conclusão; e de acordo com a quantidade das principais áreas da Sexologia, ou seja, clínica, educação em sexualidade, homossexualidade e fisioterapia em sexualidade (Figura 1). Desses, 21 foram classificados como pertencentes à área da homossexualidade (Figura 2).

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos com temas aderentes à psicologia, à sociologia e à antropologia com a sexualidade humana. E temas concernentes às áreas clínica, educação em sexualidade, fisioterapia em sexualidade e homossexualidade, com sentido diverso da área de estudo e atuação da Sexologia, foram excluídos. Ressalta-se que 16 artigos foram classificados como “mistos”, por conterem tendências para duas áreas da Sexologia e, por essa característica, não entraram para a clivagem final (Figura 2).

Como resultado da classificação dos dados de interesse, os 21 artigos que satisfizeram o critério de elegibilidade, pertencentes à área da homossexualidade, foram catalogados e dispostos em formato de tabela, com os seguintes parâmetros: identificação do artigo (título); citação (autoria/número e ano da publicação); metodologia empregada para o desenvolvimento do estudo (Gráfico 2); objetivo(s) – esses foram transcritos como estavam apresentados no artigo; e conclusão – descrita a partir da leitura do resumo e conclusão e/ou considerações finais (Quadro 3). O ano de publicação dos artigos científicos clivados entre de 2012 e 2022 foi igualmente analisado, de acordo com o Gráfico 1; assim como, os tipos de pesquisa, conforme o procedimento eleito (Gráfico 2).

No site da RBSH, foi realizada uma busca com as palavras: sociocultural, homossexualidade e sexualidade, com associação do operador booleano “AND”. Somente uma publicação foi apontada como pertencente à área da homossexualidade, no período do recorte desta pesquisa (Silva, 2015), já incluída na clivagem final (Quadro 3). Ressalta-se que foi encontrado um estudo (Stoppa, 2018) cujo título é “A homossexualidade como ferramenta para a autonomia sexual”, que foi excluído da classificação final dos artigos, por apresentar o termo homossexualidade com o sentido diverso do recorte do presente estudo.

Ressalta-se que a autora tem uma trajetória de estudos e pesquisas na área da Sexologia há mais de 23 anos, com títulos acadêmicos e publicações científicas, o que lhe permitiu o processo de clivagem e análise dos resultados.

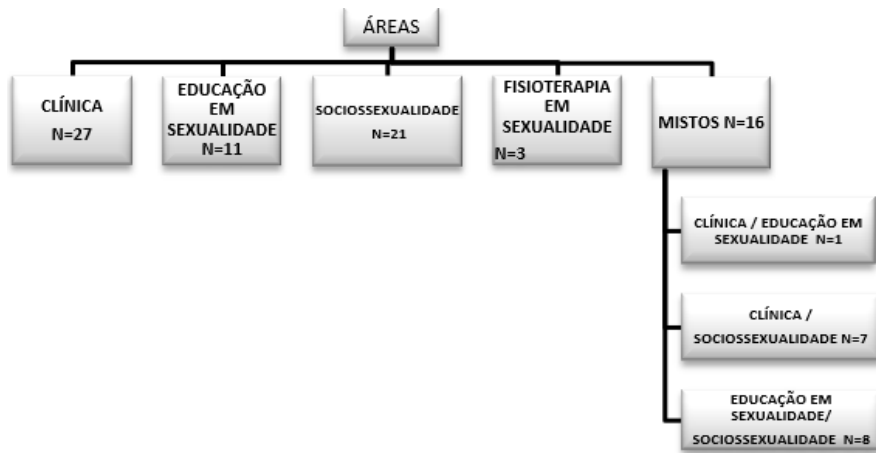


Figura 1 - Diagrama de classificação dos artigos por área
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

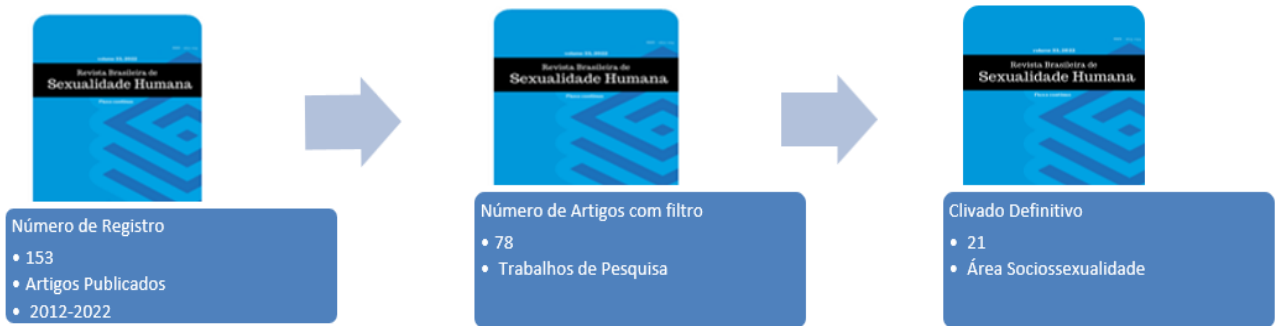


Figura 2 - Diagrama de fluxo de artigos publicados na RBSH
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

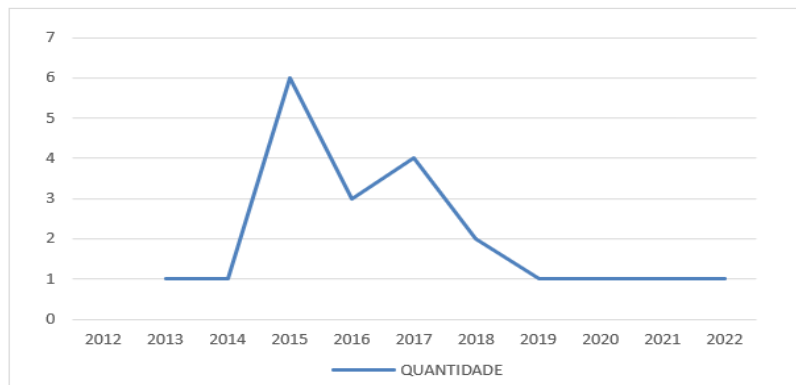


Gráfico 1 - Artigos científicos da RBSH na área da sociosexualidade entre 2012 e 2022
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

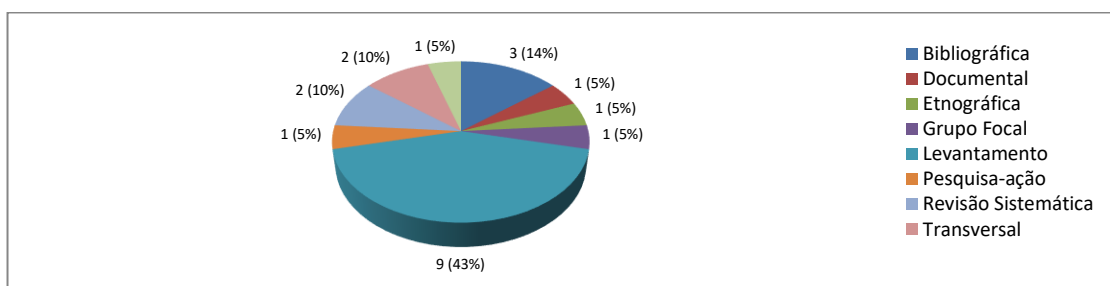


Gráfico 2 - Tipos de pesquisas de acordo com o procedimento
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quadro 3 - Tabela dos artigos clivados da RBSH

N	ESTUDO/ARTIGO	CITAÇÃO	MÉTODO	OBJETIVO	CONCLUSÃO/RECOMENDAÇÃO
1	Gravidez adolescente e juvenil: declínio ou estagnação?	NEVES, Mariana Braga; GOMES, Candido Alberto da Costa. RBSH, v. 24 n. 2, 2013.	Pesquisa qualitativa: análise documental	Conhecer a tendência de crescimento ou declínio de adolescentes/jovens no período entre 2005-2011	Verificou-se que ocorreu um aumento de mães na faixa etária de 10-14 anos. Como as taxas de gravidez na adolescência e juventude se mantêm elevadas, a sociedade e o poder público devem assumir a responsabilidade sobre esse desafio.
2	Desigualdades de gênero entre adolescentes de acampamentos do MST, no norte do Paraná	ZANATTA, Luiz Fabiano; BRÉTAS, José Roberto da Silva. RBSH, v. 25 n. 1, 2014.	Pesquisa qualitativa	Tornar visível as representações sociais sobre as desigualdades de gênero entre adolescentes de acampamentos do MST, no norte do Paraná.	Foram observados nos(as) adolescentes distinções entre espaços e comportamentos baseados na heteronormatividade, quando o adolescente tem maior liberdade e direitos. Forte influência da ideologia patriarcal. Recomendam-se novos estudos em outros acampamentos do MST para buscar o entendimento das relações de gênero e suas assimetrias.
3	O que é ser mulher na contemporaneidade?	MACHADO, Vanessa Nascimento. RBSH, v. 26 n. 2, 2015.	Pesquisa qualitativa: bibliográfica	Problematizar as relações entre poder, diferença e desigualdade, que trazem questionamentos sobre a modernidade.	Percebe a mulher em situação de marginalidade. Acredita-se que a modernidade viabiliza a reinvenção da vida social, produzindo conhecimento e alternativas sociais para as mulheres. A discussão sugere um caminho para o empoderamento feminino.
4	Masturbação feminina	BRANCO, Aline Castelo. RBSH, v. 26 n. 2, 2015.	Pesquisa qualitativa: de levantamento	Entender como os veículos de comunicação <i>on-line</i> , para atrair o público, formam seus discursos sobre a sexualidade e conhecer a reação dos internautas diante da notícia.	A prática da masturbação ainda se encontra em uma posição histórica da repressão. É condenada ao silêncio, ao segredo e à vergonha, inclusive na relação do casal, com mais ênfase na mulher. O curso anunciado aguçou a curiosidade das mulheres com o aumento das inscrições e pela busca do próprio prazer.
5	O controle da sexualidade feminina e o casamento na infância e adolescência	TAYLOR, Alice; FONSECA, Vanessa. RBSH, v. 26 n. 2, 2015.	Pesquisa qualitativa: de levantamento	Analisar as atitudes e práticas sobre o casamento na infância e na adolescência em dois estados: Pará e Maranhão (ambos com maior prevalência); conhecer sobre o casamento na infância e na adolescência.	Concluiu-se que o casamento se tornou, para as adolescentes, um meio de liberdade contra o controle da sexualidade pelos pais e pela comunidade. Ademais, o casamento passa a ser uma forma de segurança social, devido às condições de pobreza e falta de oportunidades. Recomenda-se a presença da educação em sexualidade abrangente – ambientes escolares e não escolares – com reflexões sobre normas de gênero e relações de poder.
6	O que aconteceu com a Cinderela?	CANOSA, Ana Cristina Gonçalves. RBSH, v. 26 n. 2, 2015.	Pesquisa qualitativa: bibliográfica	Analisar os contos populares, suas influências e suas marcações sobre amor romântico, questões de gênero e relacionamentos amorosos.	Os contos de fadas foram criados como modelos de conduta, principalmente para as mulheres. Com o século XXI, novas versões e novos contos surgiram pautados nos avanços feministas na busca de uma representação social mais equilibrada entre os gêneros.

7	Transexualidade: uma luta emancipatória	SILVA, Flávia F. RBSH, v. 26 n. 2, 2015.	Pesquisa qualitativa: bibliográfica	Pensar sobre o transexual na sociedade, sua invisibilidade, a anulação de sua expressão de identidade e sua “colonização” do biopoder institucional.	Na área de saúde, como em outros meios, o transexual deve ser atendido de maneira igualitária, ou seja, sendo atendido a partir da demanda de cada sujeito, quando sua subjetividade e sua singularidade são respeitadas. Os campos do saber social, antropológico, político e de promoção de saúde podem contribuir para que os transexuais tenham uma prática de acesso à autonomia e ao direito decisório.
8	Contribuições acadêmicas ao enfrentamento da violência sexual nas universidades brasileiras	SALDANHA, Mônica. RBSH, v. 26 n. 2, 2015.	Pesquisa qualitativa: revisão sistemática	Mapear o cenário de violência sexual nas universidades brasileiras, objetivando conhecer o tipo de contribuições ao enfrentamento da violência. Depois, comparar os dados com estudos internacionais.	Pautado nos artigos analisados, concluiu-se que não existe um mapeamento da prevalência de agressões sexuais nas universidades, tampouco dos fatores socioculturais ou das suas consequências, o que impossibilita a proposição de projetos e o planejamento de intervenção. Em relação aos estudos internacionais, esses não puderam ser tomados como modelo para o contexto nacional. É sugerido que seja desenvolvida uma metodologia específica, pautada em estudos e projetos de enfrentamento da violência, tendo em vista o caráter cultural no meio universitário.
9	Sexualidade de mulheres reclusas: a construção da autoestima por meio da ludicidade	FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho; TORRES, Claudia Regina Vaz. RBSH, v. 27 n. 1, 2016.	Pesquisa qualitativa: pesquisa ação (cinco oficinas lúdicas com 12 mulheres voluntárias, no período de um mês)	Analisar expressões e vivências da sexualidade de mulheres que cumprem Medidas de Segurança, a partir do uso da ludicidade.	O uso da ludicidade como mediadora das discussões em grupo foi considerado positivo, quando facilitou as expressões de sentimentos e de momentos de distanciamento da realidade em que vivem, promovendo o resgate da autoestima das mulheres reclusas. Recomendam que o trabalho das oficinas deva ter continuidade, objetivando a desinstitucionalização e a potencialização dos processos de atendimento psicossocial às mulheres em situação de custódia.
10	O ônus do prazer: o aprendizado da sexualidade de meninas em conflito com a lei	MORAES, Silvia Piedade de; BRÊTAS, José Roberto da Silva. RBSH, v. 27 n. 1, 2016.	Pesquisa qualitativa: de levantamento	Conhecer as representações sociais da sexualidade, comportamentos e a educação em sexualidade recebida pelas adolescentes em liberdade assistida.	Conclui-se que as representações sociais da sexualidade estão relacionadas a fatores negativos, tais como: doenças e gravidezes, cabendo às mulheres as responsabilidades desses aspectos. Foram percebidos paradoxos nos discursos das adolescentes, revelando uma distância entre discurso e comportamento.
11	A percepção de mulheres sobre a sexualidade feminina	DEPIERI, Luciana; GROSSI, Fernanda; FINOTELLI JR., Itor. RBSH, v. 27 n. 1, 2016.	Pesquisa qualiquantitativa: de levantamento	Investigar a percepção de mudanças ocorridas na sexualidade feminina e caracterizar indicadores de bem-estar sexual e aspectos sociais sob o ponto de vista de três gerações diferentes de mulheres	Apesar de serem encontradas algumas referências negativas sobre sexualidade nas três gerações, muitas mulheres apresentaram percepções positivas sobre sexualidade, tais como: liberdade de pensamento, acesso aos espaços públicos e poder de decisão sobre seus corpos e suas necessidades.

12	O corpo fala: universo das travestis	ALVES, Matheus Henrique Souza; MOURA-FERREIRA, Maria Cristina de. RBSH, v. 28 n. 1, 2017.	Pesquisa qualiquantitativa: de levantamento	Caracterizar a pessoa travesti na população de profissionais do sexo em atividade, segundo variáveis demográficas, socioeconômicas e fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis.	Por meio da entrevista de 12 travestis, que exercem prostituição na cidade de Uberlândia-MG: uma maior parte tinha entre 21 a 25 anos de idade; 33,3% ganham mais de R\$ 3.001; 41,7% tinham ensino médio completo; 83,4% das entrevistadas pensam em sair da prostituição; a maior violência foi a verbal, com 58,3%; 91,7% das participantes usaram ou ainda usam algum tipo de droga. O estudo apresentou uma visão sobre o mundo das travestis, colaborando para um olhar mais respeitoso sobre essa população. Há a necessidade de uma maior atenção à saúde preventiva das travestis.
13	Relações sem compromisso entre adolescentes	BRÊTAS, José Roberto da Silva; MORAES, Sílvia Piedade de; ZANATTA, Luiz Fabiano; FREITAS, Maria José Dias de; GODOI, Ana Maria Limeira de; RICARDO, Lais de Souza. RBSH, v. 28 n. 1, 2017.	Pesquisa qualitativa: de levantamento e descritiva	Identificar o que pensam os(as) adolescentes do sexo masculino e feminino sobre relações sem compromisso.	Na atualidade, a relação sem compromisso é muito comum entre os(as) adolescentes, pensada como fruto da liberdade, ainda ser carregada de preconceito. O direito ao prazer afetivo/sexual torna-se sinônimo de conquista legítima para as adolescentes, apesar de diferenças no julgamento moral negativo da conduta das adolescentes, em detrimento dos adolescentes. Ações educativas em sexualidade são fundamentais para a saúde sexual (sexo seguro) dos(as) adolescentes.
14	A masculinidade hegemônica advinda dos enredos midiáticos: um jeito de ser masculino	PONGELUPPE, Maria Angélica Brizolari; MILANI, Débora Raquel da Costa. RBSH, v. 28 n. 2, 2017.	Pesquisa qualitativa: etnográfica	Discutir as manifestações sobre papéis de gênero e de sexualidade de crianças de cinco/seis anos de uma escola de Educação Infantil, a partir de análise e discussão de cenas do filme Homem Aranha.	Ficou evidenciada a influência patriarcal sobre os meninos, reforçando a herança histórica sobre a dominação. O herói do filme assume posturas de hegemonia masculina que servem de modelo a serem seguidos, tais como: valentia, gritaria e diferentes formas de agressão. Importância dos pais/mães, professores(as), educadores(as) ficarem atentos sobre o conteúdo a ser apresentado às crianças, para não reproduzir modelo sexista ou estereotipado na relação entre gêneros.
15	Estratégias de prazer	MORAES, Sílvia Piedade de; BRÊTAS, José Roberto da Silva. RBSH, v. 28 n. 2, 2017.	Pesquisa qualitativa: de levantamento	Mostrar como mulheres jovens em situação de prisão vivem sua sexualidade e criam estratégias de prazer como forma de suporte à situação de cárcere.	As mulheres jovens em situação de cárcere apresentam potencial criativo para buscarem a sororidade e a resiliência como formas de saúde mental, afetiva e sexual para superarem as dificuldades. Entre as formas, encontra-se a relação sexual e afetiva com outras mulheres, como forma de conhecer o seu próprio corpo e o prazer.
16	De menino a metrosssexual: a construção da masculinidade na contemporaneidade	TELLES, Carlos José Fernandes. RBSH, v. 29 n. 1, 2018.	Pesquisa qualitativa: de levantamento	Identificar temáticas frequentes relacionadas à masculinidade presentes em revistas masculinas voltadas para o público heterossexual.	O estudo demonstrou que, na atualidade, revistas masculinas apresentam diversos temas relacionados ao universo masculino, tais como: estilo, cultura, cuidados pessoais, lazer e sexo.

17	A compreensão da violência conjugal na perspectiva psicanalítica: uma revisão da literatura	SANCHES, Maria Gabriela Montresol; SEI, Maira Bonafé. RBSH, v. 29 n. 2, 2018.	Pesquisa qualitativa: de revisão sistemática	Compreender a violência conjugal abordada pela literatura científica psicanalítica.	Foi percebida a escassez de artigos que discorrem sobre violência conjugal a partir da perspectiva psicanalítica; diferente resultado em outras abordagens psicológicas e outras vertentes, como a social e da saúde pública, nas quais foram encontrados trabalhos nacionais e internacionais. Quanto aos trabalhos de base psicanalítica, a instauração da violência conjugal se estabelece, quando o espaço da subjetividade do outro é anulado.
18	Parentalidade e adoção: um estudo comparativo de orientação sexual e práticas parentais	FONSECA, Karine; LOMANDO, Eduardo. RBSH, v. 30 n. 2, 2019.	Pesquisa quantitativa: de levantamento (Inventário de Práticas Parentais)	Comparar os resultados das práticas parentais entre homens gays/bissexuais, mulheres lésbicas/bissexuais e homens e mulheres heterossexuais que exercem a parentalidade por meio da adoção.	Conclui-se que não há diferenças de médias para a interação dos dois fatores de gênero e orientação sexual. A fim de ampliar o conhecimento sobre práticas parentais e adoção, sugere-se que novos estudos devem ser realizados, considerando uma variabilidade maior de raça/etnia, classe e escolaridade.
19	Tipificações das violências sexuais cometidas contra adolescentes residentes na cidade de São Paulo	RODRIGUES, Cintia Leci; WOLFF, Gabrielle Maria Silva; CAVALCANTI, Karine Moreira Queiroz; DORATIOTTO, Thayane de Sousa Rodriguez. RBSH, v. 31 n. 1, 2020.	Estudo transversal e descritivo	Verificar o perfil epidemiológico das violências sexuais acometidas contra adolescentes residentes na cidade de São Paulo	No período pesquisado, de janeiro de 2018 até março de 2020, as violências sexuais contra adolescentes - heterossexuais, homossexuais e transexuais – permanecem em constante crescimento, mesmo considerando as subnotificações pelos profissionais da saúde. A notificação compulsória é fundamental para dar mais visibilidade ao problema social e garantir a proteção de crianças e adolescentes.
20	Qualidade de vida de jovens homossexuais e bissexuais residentes em uma capital do nordeste brasileiro	PONSO, Nícolás; CARVALHO, Rita de Cássia. RBSH, v. 32 n. 2, 2021.	Pesquisa qualitativa: estudo transversal, observacional, descritivo e analítico	Avaliar o índice de qualidade de vida de jovens homossexuais e bissexuais na cidade de Salvador-BA.	Os jovens adultos investigados apresentam os menores escores de qualidade de vida no domínio psicológico, com importantes variáveis afetadas: pensamento negativo, segurança, sono e descanso. Importante ressaltar que os dados foram coletados no período da vigência da pandemia de SARS-COV-2, sendo sugeridos novos estudos pós-pandêmicos. Importância do trabalho sobre qualidade de vida e jovens homossexuais e bissexuais.
21	O corpo e a culpa: a construção da sexualidade feminina sob a influência do cristianismo	FREITAS, Nathália Kelen de Sousa; SILVA, Iara Raquel Garcia; FILGUEIRAS, Karina Fideles. RBSH, v. 33 n. 1, 2022.	Pesquisa qualitativa: grupo focal	Investigar como algumas religiões cristãs influenciam na formação da sexualidade feminina.	Conclui-se que a educação em sexualidade (educação afetivo-sexual) aplicada na infância e na adolescência é o caminho ideal para uma sexualidade saudável na vida adulta, pois foi possível verificar os efeitos da educação religiosa cristã na sexualidade das mulheres estudadas.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Análise dos dados obtidos

A pesquisa bibliométrica evidenciou como os estudos da área de sociosexualidade da Sexologia têm se direcionado em relação ao campo investigação. Por meio da análise do aspecto temporal (distribuição temporal das publicações) dos 21 artigos clivados, uma grande parte dos artigos categorizados com predominância social e cultural em sexualidade, 17 artigos, foi publicada entre os anos de 2014 e 2019. Esse período foi marcado por uma grande crise econômica e social, quando pobreza e desigualdade de renda cresceram no Brasil, reflexo da política econômica e do aumento do desemprego (Lupion, 2020; Barbosa et al., 2020). Essa perda mostrou-se mais forte entre os jovens de 20 a 24 anos, entre os analfabetos, os moradores da região norte e nordeste e pessoas de cor preta, todos com redução de renda duas vezes maior da média geral (CEE-FIOCRUZ, 2019). O período também foi caracterizado pelo crescimento do homicídio feminino, homicídio de mulheres nas residências, homicídio de negros, violência contra pessoas LGBTQIAPN+ e violência sexual no Brasil (IPEA, 2020; PNS, 2021). Estudos, como os de Tavares (2011); Fraga (2019); e Leme (2020), mostraram a relação de causa e consequência entre violência e economia, quando problemas econômicos, como a recessão e o desemprego, podem estimular o uso da violência.

Por sua vez, os resultados desta pesquisa demonstraram que, no período estudado de 2012 a 2022, houve um aumento da produção científica com temáticas voltadas para os grupos mais vulneráveis (mulheres, adolescentes/jovens e população LGBTQIAPN+) e para a violência sexual. Corroboram com esses dados, alguns estudos de revisão sistemática com as temáticas: gênero e violência, com o aumento de publicações científicas no período entre 2016 e 2018 (Dutra et al., 2020); mulheres e violência, no período entre 2018 e 2022 (Santos, 2020; Lima; Santos, 2022); e pessoas LGBTQ⁶, homofobia e violência, com aumento exponencial nas produções no período de 2013 a 2019. Esse período foi caracterizado por pautas sobre violência e por anos de movimentos e lutas da população LGBT pelos direitos humanos (Paz et al., 2020; Gomes et al., 2021). Em 2019, o Supremo Tribunal Federal determinou que a homofobia passasse a ser punida pela Lei do Racismo (7.716/89), que prevê crimes de discriminação ou preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (STF, 2019).

Dos 21 artigos analisados, foram obtidas seis categorias de análise (temáticas), ora apresentados de acordo com sua frequência:

1) Mulher: oito trabalhos (38%) tiveram como tema central “mulher e sexualidade”: comportamento sexual e prazer (Branco, 2015; Taylor; Fonseca, 2015; Depieri et al., 2016; Moraes; Brêtas, 2017; Freitas et al., 2022) e comportamento feminino na contemporaneidade, autoestima e empoderamento (Machado, 2015; Canosa, 2015; Fagundes; Torres, 2016);

2) Adolescente/Jovem: essa importante fase do desenvolvimento humano esteve presente em cinco estudos (24%) relacionados à sexualidade: gravidez (Neves; Gomes, 2013), desigualdade de gênero (Zanatta; Brêtas, 2014); conflitos com a lei e gênero (Moraes; Brêtas, 2016), relação sem compromisso (Brêtas et al., 2017) e violência sexual (Rodrigues et al., 2020);

3) Violência sexual: esse tema compõe três estudos (14%)⁷ relacionados a duas populações distintas – adolescente/jovem (Saldanha, 2015); (Rodrigues et al., 2020), esse último já citado; e casais (Sanchez; Sei, 2018);

4) População transgênero: três estudos (14%), um com foco na “experiência transexual”⁸ (Silva, 2015); outro, na saúde preventiva de travestis (Alves; Moura-Ferreira, 2017) e, o terceiro, na qualidade de vida e saúde sexual de homossexuais e bissexuais (Ponso; Carvalho, 2021);

5) Masculinidade: investigações sobre papéis de gênero (Pongeluppe; Milani, 2017) e construção da masculinidade (Telles, 2018) apareceram em dois artigos (9,5%);

6) Orientação Sexual: “parentalidade e adoção” é o tema de um estudo (5%) (Fonseca; Lomando, 2019).

⁶Sigla LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

⁷Apesar de a temática “violência sexual” ter sido encontrada em três artigos, um desses já foi contabilizado na estatística da temática “adolescente/jovem”, diminuindo a porcentagem final para 9,5%.

⁸Denominação do autor da pesquisa, em Silva (2015, p. 54).

Exposição e discussão dos resultados

Depreende-se da análise temporal dos artigos clivados uma tendência à preocupação por parte de investigadores em desenvolver estudos que possam melhorar a condição social, cultural e sexual dos grupos mais vulneráveis, ao proporcionar campos de saber social, cultural e político promotores de vivência sexual mais saudável e menos violenta.

A categoria “mulher” tem sido tema de intensa investigação, devido ao desequilíbrio de gênero, que promove relações assimétricas nos diversos setores sociais, principalmente, no núcleo familiar. A violência contra a mulher é um problema de ordem mundial e, por causa de sua magnitude, vem sendo debatido e estudado nos meios acadêmicos brasileiros, com tendência de crescimento nas publicações científicas sobre a temática (Curia *et al.*, 2020; Ferreira *et al.*, 2021). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência contra as mulheres, particularmente a violência por parte de parceiros e a violência sexual, é um grande problema de saúde pública e de violação dos direitos humanos das mulheres. A análise traz o apontamento de que os estudos visam à busca da saúde sexual e de prazer da mulher; e sobre lutas sociais, intencionando o fortalecimento do feminismo e do empoderamento da mulher, como caminho para a garantia dos direitos humanos e sexuais.

A adolescência tem sido foco dos estudos na área da homossexualidade, quando os temas: desigualdade de gênero, relação sem compromisso, conflitos com a lei e gênero, e violência sexual, estão no contexto da formação do desenvolvimento psicossociocultural com qualidade. A adolescência, considerada o menor período do desenvolvimento humano, caracteriza-se por grandes transformações, requerendo mudanças comportamentais, relacionais, identitárias e sexuais, além de novas exigências e percepções diversas daquelas formadas na infância. Ademais, a saúde sexual e reprodutiva na adolescência é um componente de grande importância, uma vez que as primeiras experiências sexuais, muitas vezes, ocorreram durante essa fase da vida (Malavé-Malavé, 2022). A falta de informação e orientação, ou seja, a ausência de educação em sexualidade, pode resultar em problemas de saúde pública. Tais fatores corroboram para a ampliação de estudos científicos.

Igualmente, o tema “violência sexual” foi destaque nos artigos publicados na RBSH, sendo definida pela OMS como “[...] todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação dessa com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho” (Nações Unidas/Brasil, 2018, n.p.). A violência sexual no Brasil encontra-se em números alarmantes: somente em 2022, o Brasil registrou o maior número de estupro e estupro de vulnerável da série histórica (Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP, 2023); e registrou 202,9 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes de 2015 a 2021 (80 casos por dia), de acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2023). Igualmente cresceram todos os indicadores de violência doméstica – agressões, ameaças e feminicídios (FBSP, 2023). De acordo com os referidos documentos, os dados revelam um cenário devastador e de importante atenção. Assim, esse panorama violento já era percebido entre os pesquisadores, no período entre 2012 e 2022, quando desenvolveram estudos sobre adolescentes, jovens e casais (violência conjugal/doméstica).

Outro grupo vulnerável, população transgênero, apresentou destaque no presente estudo, em relação ao seu comportamento, sua saúde, mais especificamente à saúde sexual, e sua qualidade de vida. Uma série de questões legais e sociais acompanha a comunidade LGBTQIAPN+: acesso à saúde - maior dificuldade de acesso ao atendimento à saúde, em comparação com o restante da população (Monteiro, 2022); violência e discriminação - a comunidade LGBTQIAPN+ ainda enfrenta altas taxas de violência e discriminação em muitas partes do mundo (Martins, 2023); e educação e conscientização - o machismo estrutural perpetua estigmas e preconceitos, o que urge a necessidade de educação e educação em sexualidade, promovendo programas educacionais inclusivos nos diversos aparelhos sociais (Portela, 2015; Alves, 2022; Martins, 2023); e falta de políticas públicas que resguardem os direitos dessa população (Souza Jr.; Mendes, 2021). Essa realidade coloca a população transgênero em vulnerabilidade social, justificando estudos voltados para a promoção e a proteção, na garantia e na defesa de seus direitos.

Por sua vez, a temática “masculinidade” apresentou-se em dois trabalhos, tornando-se relevante por estar contextualizada nos papéis de gênero e na sua “desconstrução”. Apesar de estudos sobre homens terem surgido na década de 1960, somente na década de 90, no Brasil, que tais pesquisas se consolidaram e começaram a dialogar com as investigações sobre gêneros existentes (Adrião, 2005; Souza, 2009). Estudo mais recente apontou um aumento do número de pesquisas sobre masculinidade publicadas nos últimos anos, a partir de 2017 (Casadei, 2022), o que está de acordo com a presente investigação, quando dois trabalhos sobre o tema foram publicados na RBSH em 2017 e 2018.

E, por fim, a categoria de análise “orientação sexual” esteve presente no contexto da parentalidade e adoção, quando objetivou estudar as práticas parentais em pessoas cisgêneras e transgêneras. Estudos científicos sobre conjugalidade e parentalidade em casais homossexuais e heterossexuais têm sido desenvolvidos, evidenciando “preconceitos e estigmas que desqualificam outros padrões familiares dissidentes dos tradicionais” (Mata *et al.*, 2020, n.p.), demonstrando um aumento de interesse pelo tema parentalidade entre pessoas do mesmo sexo, o que o sexo contribui para a expansão do conceito de família e para a diversificação dos estudos sobre homossexualidade (Tombolato *et al.*, 2019).

Em relação à metodologia de pesquisa utilizada nas publicações da RBSH, somente um artigo apresentou a classificação “abordagem de pesquisa quantitativa” (Fonseca; Lomando, 2019). A maior quantidade de artigos científicos, que fizeram uso da metodologia qualitativa neste estudo, encontram-se de acordo com a tendência das investigações nas ciências humanas e sociais (Chizzotti, 2011). A pesquisa qualitativa difere da pesquisa quantitativa, pois se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1994).

No que se refere ao procedimento informado nos artigos clivados, 43% utilizaram a pesquisa de levantamento (Gráfico 2). De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 38), essa classificação de pesquisa é muito utilizada em estudos exploratórios e descritivos, podendo ser de dois tipos: levantamento de uma amostra ou levantamento de uma população. “Entre as vantagens dos levantamentos, temos o conhecimento direto da realidade, economia e rapidez, e obtenção de dados agrupados em tabelas que possibilitam uma riqueza na análise estatística”. Ambos os tipos de levantamento foram utilizados nos artigos clivados.

Quanto à classificação da autoria, na parte citação (Quadro 3), coube destaque para o pesquisador José Roberto da Silva Brêtas, com a maior coparticipação nos estudos publicados na RBSH e classificados na área da homossexualidade, no período de 2012 a 2022 (Zanatta; Brêtas, 2014; Moraes; Brêtas, 2016; Brêtas *et al.*, 2017; Moraes; Brêtas, 2017). De acordo com a Plataforma Lattes (CNPq), o referido pesquisador é professor associado aposentado da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com especialização em sexualidade humana e na área de educação sexual, pela Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (2017). Ainda de acordo com a consulta à Plataforma Lattes, em relação à titulação acadêmica dos autores: dos 38 autores, 15 são Doutores; cinco Mestres; quatro são Especialistas; e seis são Graduados. Oitos autores não foram identificados por meio da referida base de dados.

Apesar de a parte “Conclusão/Recomendação” não ter sido objeto de análise proposta nos objetivos do presente trabalho, cabe destaque para algumas considerações pautadas nos artigos clivados: a educação em sexualidade é apontada, em diversos trabalhos, como um significativo caminho para uma sexualidade saudável e segura na vida adulta, com ênfase nos grupos vulneráveis já referenciados neste estudo; e, como recomendação, destaca-se maior participação da sociedade e do poder público na promoção de ações (políticas públicas) e reflexões sociais sobre equidade de gênero, a fim de viabilizar e garantir saúde sexual, qualidade de vida e respeito para todas as pessoas.

Retomando Russo (2009a), para quem as áreas da Sexologia não possuem fronteiras e demarcações rígidas entre elas, podendo se combinarem e se articularem, no presente estudo, admite-se que essa característica igualmente apareceu na classificação dos artigos por área, quando 16 estudos foram considerados mistos (Figura 1).

Considerações finais

O reconhecimento de uma área de estudo, dentro de uma ciência, é um processo que demanda tempo e amadurecimento. O estudo da homossexualidade é uma área construída, principalmente, por meio dos conhecimentos da Antropologia, Sociologia e da Psicologia Social, e data do século passado. Atualmente, há cada vez mais interesse da comunidade científica em acompanhar as transformações do mundo, em especial para os aspectos da sexualidade, com importantes discussões políticas sobre direitos sexuais, diversidade de gênero e sobre movimentos sociais de proteção aos mais vulneráveis – mulheres, crianças/adolescentes e população LGBTQIAPN+, provocando significativas reflexões na busca do bem-estar social.

A revisão sistemática de literatura, por meio da revisão bibliométrica, constitui uma importante estratégia de consolidação de resultados de investigação, essencial para o desenvolvimento teórico à progressão da ciência, na produção de conhecimento relevante (Camilo; Garrido, 2019). Em conformidade, o levantamento bibliométrico da Revista Brasileira de Sexualidade Humana produziu conhecimento, ao demonstrar que, entre as áreas de estudo da Sexologia, a área da homossexualidade foi a mais marcante pela quantidade de trabalhos científicos publicados, no período entre 2012 e 2022. Ficou evidenciado que os grupos vulneráveis (mulher, adolescentes/jovens e população transgênero, principalmente) têm sido mais investigados, objetivando mudanças sociais significativas na promoção da qualidade de vida, pautada na defesa dos Direitos Humanos e nos Direitos Sexuais. Destaque para os estudos sobre a mulher, evidenciando a sexualidade feminina e o seu empoderamento como significativos caminhos para a promoção de sua saúde sexual e de uma sociedade mais igualitária e justa. Desse modo, os achados convergem para a área de estudo da homossexualidade, como uma tendência atual, não exclusiva, em estudos científicos na área da sexualidade.

Em relação à metodologia de pesquisa da amostra final, a metodologia qualitativa foi majoritariamente usada como melhor abordagem científica para o desenvolvimento de estudos na área de sexualidade humana. Tal caminho justifica-se por compreender, com maior profundidade, os significados, motivos, crenças, valores e atitudes das relações, dos processos e dos fenômenos estudados, em conformidade com o contexto sociocultural, político e sexual.

Essa revisão bibliométrica apresentou algumas limitações: com relação à definição da terminologia homossexualidade, como uma área de estudo e atuação da Sexologia, por apresentar um número reduzido de estudos, como os de: Nahoum, 1989; Jurberg, 1995; Serapião, 1997; Russo, 2009a,b; e Ribeiro, 2023, sobre a formação e fundamentação da área sociocultural da Sexologia. Outra limitação observada versa sobre a subjetividade no processo de seleção dos dados de interesse: os artigos científicos foram classificados por uma única fonte examinadora, com a possibilidade de buscar, pelo menos, dois examinadores independentes para aumentar o grau de confiabilidade na avaliação da qualidade da evidência (Sampaio; Mancini, 2007). Sobre este ponto, Mallett *et al.* (2012) afirmam que é inevitável um certo grau de subjetividade na etapa de clivagem dos dados de interesse, mesmo quando estão envolvidos muitos investigadores, uma vez que cada membro da equipe de investigação interpreta os critérios de inclusão de forma ligeiramente diferente. Assim, no presente estudo, a seleção dos artigos científicos por parte de somente uma investigadora foi um critério metodológico, considerando que sempre haverá certo grau de subjetividade nesse processo. No entanto, essas limitações não invalidaram os resultados encontrados ou a relevância do estudo.

Ainda como limitação, na sessão “análise dos dados obtidos”, alguns estudos foram apresentados no sentido de demonstrar uma relação sócio-histórica e de aumento de produção científica, a fim de caracterizar o período estudado na presente pesquisa. Entretanto, trata-se de uma inferência da autora, e não uma relação direta de causalidade.

Cabe esclarecer, como outro fator que pode ser considerado tendencioso, que a autora faz parte do corpo editorial da Revista Brasileira de Sexualidade Humana e tem interesse sobre os rumos científicos desta Revista, nos últimos anos (período de 2012 e 2022), ao reconhecer este estudo bibliométrico como um importante conhecimento para futuras pesquisas sobre a área de estudo da homossexualidade e sobre a Sexologia. Ademais, além de homenagear essa valorosa revista científica, esta investigação foi estimulada a partir de um trabalho de conclusão de curso de Pós-Doutorado em Psicologia.

Por fim, no presente estudo foi empregado o termo “sexologia”, denominação mais tradicional no

campo do estudo, por uma questão metodológica, não tendo como fim a discussão sobre designações mais atualizadas para o campo.

Sobre os aspectos éticos, nesta revisão bibliométrica foram utilizados artigos científicos como amostra, e não seres humanos; assim como foram respeitados os direitos autorais ao preservar o conteúdo exposto pelos autores e pelas autoras e ao referenciar as informações extraídas dos artigos disponíveis em domínio público.

Espera-se que mais investigações sejam realizadas, objetivando, em primeiro plano, amparar mais a área de estudo da homossexualidade, como um importante campo de estudos e atuação profissional da Sexologia. E, em um plano mais relevante, espera-se que o aumento de investigações dentro desta área de estudos da Sexologia objetive a promoção de ações efetivas de proteção, de educação e de saúde para que as pessoas, em destaque as pertencentes aos grupos mais vulneráveis, possam usufruir de uma sexualidade saudável, com menos riscos, livre de discriminação e de violências, alicerçada na defesa dos Direitos Humanos e dos Direitos Sexuais.

Referências

ADRIÃO, K. G. Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo. *Cadernos de Gênero e Tecnologias*, v. 1, n. 3, 2005. Disponível em: <https://periodicos.utpr.edu.br/cgt/article/view/6135>. Acesso em: 14 set. 2023.

ALVES, I. *A importância da educação no combate à LGBTfobia*. UNINTER, 2022. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/a-importancia-da-educacao-no-combate-a-lgbtfobia>. Acesso em: 12 set. 2023.

ALVES, M. H.; MOURA-FERREIRA, M. C. O corpo fala: universo das travestis. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 28 n. 1, 2017. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/4/1. Acesso em: 14 set. 2023.

BADIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARBOSA, R. J.; SOUZA, P. F.; SOARES, S. Desigualdade de renda no Brasil de 2012 a 2019. *IESP*. 2020. Disponível em <http://dados.iesp.uerj.br/DESIGUALDADE-BRASIL/>. Acesso em: 14 set. 2023.

BOZON, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/15088115/BOZON_Michel_Sociologia_da_sexualidade_Ed_FGV_Rio_de_Janeiro_2004. Acesso em: 28 set. 2023.

BRANCO, A. C. Masturbação feminina. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 26 n. 2, 2015. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/132/109. Acesso em: 14 set. 2023.

BRÊTAS, J. R. S.; MORAES, S. P. de; ZANATTA, L. F.; FREITAS, M. J. D. de; GODOI, A. M. L. de; RICARDO, L. de S. Relações sem compromisso entre adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 28 n. 1, 2017. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/6/4. Acesso em: 14 set. 2023.

CAMILO, C.; GARRIDO, M. V. A revisão sistemática de literatura em Psicologia: desafios e orientações. *Análise Psicológica*, v. 4, n. 37, 2019. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/20157/1/analise_psi_37.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

CANOSA, A. C. O que aconteceu com a Cinderela? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 26 n. 2, 2015. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/134/111. Acesso em: 14 set. 2023.

CASADEI, E. B. Os estudos das masculinidades nas pesquisas em Comunicação no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência e Comunicação*, v. 45, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/7KgPdW9GwW8SLrJ8Zzgcvcv/#>. Acesso em: 3 out. 2023.

CEE-FIOCRUZ. *Desigualdade bate recorde no Brasil, mostra estudo da FGV*. FIOCRUZ, 2019. Disponível em: <https://www.fiocruz.org/pt-br/press-releases/2019/09/11/11-09-2019-desigualdade-bate-recorde-no-brasil-mostra-estudo-da-fgv>. Acesso em: 14 set. 2023.

<https://cee.fiocruz.br/?q=Desigualdade-bate-recorde-no-Brasil>. Acesso em: 5 out. 2023.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CURIA, B. G.; GONÇALVES, V.; ZAMORA, J.; RUOSO, A.; LIGÓRIO, I.; HABIGZANG, L. Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra Mulher por Parceiro Íntimo. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/V8jcXqbrLxts8r5jqzQ8LPv/#>. Acesso em: 5 out. 2023.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS SEXUAIS. WAS, 2014. Disponível em: <https://worldsexualhealth.net/wp-content/uploads/2013/08/DSR-Portugese.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2024.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. ONU, 1948. UNICEF Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 4 fev. 2024.

DEPIERI, L.; GROSSI, F.; FINOTELLI JR., I. A percepção de mulheres sobre a sexualidade feminina. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 27 n. 1, 2016. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/122/99. Acesso em: 14 set. 2023.

DUTRA, L. H.; SCHVEITZER, M. C.; SILVA, C. R. C. Violência de gênero em estudos qualitativos: uma revisão narrativa. *Revista Psicologia Política*. v. 20. n. 49. p. 597-610, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v20n49/v20n49a11.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2024.

ENSSLIN, L.; ENSSLIN, S. R.; LACERDA, R. T. O.; TASCA, J. E.. *ProKnow-C, knowledge development process - constructivist*. Processo técnico com patente de registro pendente junto ao INPI. Rio de Janeiro: INPI, 2010.

FAGUNDES, T. C.; TORRES, C. R. Sexualidade de mulheres reclusas: a construção da autoestima através da ludicidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 27 n. 1, 2016. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/117/94. Acesso em: 14 set. 2023.

FERREIRA, B. E.; LIMA, D. C.; FERREIRA, F. S.; RIBEIRO, M. S. Violência contra a mulher: análise da produção científica da Psicologia Brasileira. *Revista Acadêmica Novo Milênio*, v. 3, n. 4, 2021. Disponível em: https://novomilenio.br/wp-content/uploads/2021/07/ARTIGO_BRUNO_DANIELLE_FRANCIELY_MAGALI.pdf. Acesso em: 5 out. 2023.

FERREIRA, J. H. B. P. *Sistema integrado de alocação de esforços: tomada de decisão frente à instabilidade ambiental e sinais reprodutivos*. Tese (Doutorado). USP, 2013. Disponível em: <https://l1library.org/document/z3d1kn9y-sistema-integrado-alocacao-esforcos-tomada-decisao-frente-instabilidade.html>. Acesso em: 31 jan. 2024.

FONSECA, K.; LOMANDO, E. Parentalidade e adoção: um estudo comparativo de orientação sexual e práticas parentais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 30 n. 2, 2019. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/294/253. Acesso em: 14 set. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 2 out. 2023

FRAGA, O. Existe alguma ligação entre crise econômica e aumento nas taxas de suicídio? *BBC*, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48890430>. Acesso em: 5 out. 2023.

FREITAS, N. S.; SILVA, I. R.; FILGUEIRAS, K. F. O corpo e a culpa: a construção da sexualidade feminina sob a influência do cristianismo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 33 n. 1, 2022. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/998/889. Acesso em: 5 out. 2023.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). Aspectos Teóricos e conceituais. *Métodos de Pesquisa*. EAD, Série Educação a Distância. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/36165085/Tatiana_Engel_Gerhardt_Denise_Tolfo_Silveira_M%C3%A9todos_de_Pesquisa. Acesso em: 20 maio 2024.

GETTLER, L. T.; KUO, P. X.; ROSENBAUM, S.; AVILA, J. L.; McDADE, T.; KUZAWA, C. W. Sociosexuality, testosterone, and life history status: prospective associations and longitudinal changes among men in Cebu, Philippines. *Evolution and Human Behavior*, v. 40, 2, p. 249-258, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1090513818300898>. Acesso em: 31 jan. 2024.

GOMES, M.; BRUM, T. G.; ZANON, B. P.; MOREIRA, S. X.; ANVERSA, E. T. R. A violência para com as pessoas LGBT: uma revisão narrativa da literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 13903-13924, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/31815/pdf>. Acesso em: 3 fev. 2024.

HAEBERLE, E.; GINDORF, R. Sexology Today: a brief introduction. Berlin: DGSS, 1993. In: GIAMI, A. Sexologia, saúde sexual, direitos sexuais, medicina sexual: um campo em movimento. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 20 n. 1, 2009. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/338. Acesso em: 22 set. 2023.

IPEA. *Atlas da Violência*, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 2 out. 2023.

JURBERG, M. B. A construção social da Sexualidade: da identidade biológica à identidade sócio-cultural de gênero. In: *Scientia Sexualis: Revista do Mestrado em Sexologia*, Universidade Gama Filho, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1995.

KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E. *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: Saunders, 1948.

KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E. *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: Saunders, 1953.

LARA, L. A. Sexualidade, saúde sexual e Medicina Sexual: panorama atual. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 31 n. 12, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/rjrbgo/a/7pVXhqNP7qLK7nj5QQTwdDL?lang=pt>. Acesso em: 28 jan. 2024.

LEME, M. D. *Os fatores que contribuem para o aumento do crime e da violência*. Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/brasil/os-fatores-que-contribuem-para-o-aumento-do-crime-e-da-violencia.html>. Acesso em: 2 out. 2023.

LIMA, C. M.; SANTOS, N. M. Impactos psicológicos causados pela violência doméstica: Revisão integrativa de literatura. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 14, 2022. Disponível em: file:///C:/Users/yport/Downloads/Impactos_psicologicos_causados_pela_violencia_dome.pdf. Acesso em: 3 fev. 2024.

LUPION, B. *Banco Mundial aponta crescimento da pobreza no Brasil*. DW, 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/banco-mundial-aponta-crescimento-da-pobreza-e-desigualdade-no-brasil/a-55064667>. Acesso em: 2 out. 2023.

MACHADO, V. N. O que é ser mulher na contemporaneidade? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 26 n. 2, 2015. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/131/108. Acesso em: 14 set. 2023.

MALAVÉ-MALAVÉ, M. *Adolescentes e saúde sexual e reprodutiva*. Ministério da Saúde/FIOCRUZ, 2022. Disponível em: <https://www.iff.fiocruz.br/index.php?view=article&id=236:adolescentes-e-saude-sexual-e-reprodutiva&catid=8>. Acesso em: 2 out. 2023.

MALLETT, R.; HAGEN-ZANDER, J.; SLATER, R.; DUVENDACK, M. The benefits and challenges of using systematic reviews in international development research. *Journal of Development Effectiveness*, v. 4, p. 445-455, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/19439342.2012.711342>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MARTINS, A. E. S. *Os Direitos da Comunidade LGBT+*. JUSBRASIL, 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/os-direitos-da-comunidade-lgbt-avancos-legais-e-desafios-contemporaneos/1971828500>. Acesso em 5 out. 2023.

MATA, J. J.; SANTOS, M. A.; SCORSOLINI-COMIN, F. Conjugalidade e parentalidade em casais homossexuais e heterossexuais: revisão integrativa da literatura. *Revista Pensando Famílias*, v. 24, n. 2, 2020.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200004.
Acesso em: 4 fev. 2024.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Boletim Epidemiológico*. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, v. 54, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08>. Acesso em: 3 out. 2023.

MONTEIRO, D. *Comunidade LGBTQIA+ sofre com dificuldades de acesso aos serviços de saúde*. ENSP/FIOCRUZ, 2022. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/53188>. Acesso em: 5 out. 2023.

MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. Estratégias de prazer. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 28 n. 2, 2017. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/16/30. Acesso em: 14 set. 2023.

MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. O ônus do prazer: o aprendizado da sexualidade de meninas em conflito com a lei. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 27 n. 1, 2016. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/120/97. Acesso em: 14 set. 2023.

NAÇÕES UNIDAS/BRASIL. *OMS aborda consequências da violência sexual para saúde das mulheres*. OMS, 2018. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/80616-oms-aborda-consequ%C3%AAncias-da-viol%C3%AAncia-sexual-para-sa%C3%BAde-das-mulheres>. Acesso em: 12 out. 2023.

NAHOUM, J. C. Apresentação. *Revista SEXUS: um estudo multidisciplinar da Sexualidade Humana*, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Ed. Científica, 1989.

NASCIMENTO, E. F. Sociologia da sexualidade: Michel Bozon. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 9, n. 4, p. 1079-1085, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/qSvQjvJvd8bDwkYRqMGvzf/?format=pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

NEVES, M. B.; GOMES, C. A. Gravidez adolescente e juvenil: declínio ou estagnação? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 24 n. 2, 2013. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/178/170. Acesso em: 14 set. 2023.

PAZ, D.; AMAZONAS, M. C. L. de; MEDRADO, B. Revisão da Literatura Sobre Homofobia: Escolhas, Argumentos e Exercício Reflexivo em Pesquisa. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, n. 40, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Hp9xCfgqRXyVLhNbMHWg8Lk/#>. Acesso em: 3 fev. 2024.

PLATAFORMA LATTES. *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq*. Brasil, s/d. Disponível em: <https://www.lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

PNS. PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE. *Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas*. IBGE, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas>. Acesso em: 28 set. 2023.

PONGELUPPE, M. A.; MILANI, D. R. A masculinidade hegemônica advinda dos enredos midiáticos: um jeito de ser masculino. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 28 n. 2, 2017. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/17/31. Acesso em: 14 set. 2023.

PONSO, N.; CARVALHO, R. C. Qualidade de vida de jovens homossexuais e bissexuais residentes em uma capital do nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 32 n. 2, 2021. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/980/877. Acesso em: 14 set. 2023.

PORTELA, Y. M. A. *A situação atual da educação/orientação sexual nas escolas do Município do Rio de Janeiro/Brasil: dialogicidade ou mutismo?* Tese (Doutorado). Facultad de Humanidades y Artes, Programa de Doctorado en Educación. Universidad Nacional de Rosario: Rosario/Argentina, 2015.

PORTELA, Y. M. A. Sexologia: ciência, saúde e educação. In: CABRAL, R. P. (Org.). *Saúde Mental, envelhecimento e desigualdade Social: imaginários, subjetividades e vivências experienciadas*. Autobiografia, 2023.

RBSH. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. On-line. Disponível em:
https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash. Acesso em: 2 set. 2023.

RIBEIRO, H. F. Sociossexualidade. In: PORTELA, Y. M. A. *Sexologia: ciência, saúde e educação*. CABRAL, R. P. (org.). *Saúde Mental, envelhecimento e desigualdade Social: imaginários, subjetividades e vivências experienciadas*. Autobiografia, 2023.

RODRIGUES, C. L.; WOLFF, G. M.; CAVALCANTI, K. M.; DORATIOTTO, T. S. Tipificações das violências sexuais cometidas contra adolescentes residentes na cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 31 n. 1, 2020. Disponível em: https://www.RBSH.br/revista_sbrash/article/view/317319. Acesso em: 14 set. 2023.

RUSSO, J. O campo da sexologia e seus efeitos sobre a política sexual. *Seminário “Diálogo Latinoamericano sobre Sexualidade e Geopolítica”*, 2009a. Disponível em: https://sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/2009/10/dialogo-latinoamericano_jane-rucco.pdf. Acesso em: 5 fev. 2024.

RUSSO, J.; ROHDEN, F.; GIAMI, A. *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011. 160 p. Disponível em: https://www.clam.org.br/uploads/conteudo/sexualidade_ciencia_profissao.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

RUSSO, J.; ROHDEN, F.; TORRES, I.; FARO, L. O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização. *Semantic Scholar*, 2009b. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/O-campo-da-sexologia-no-Brasil%3A-constitui%C3%A7%C3%A3o-e-Russo-Rohden/75bd86d2ef5c5b44de5bd3a4f26f960bae2d5b49>. Acesso em: 2 out. 2023.

SALDANHA, M. Contribuições acadêmicas ao enfrentamento da violência sexual nas universidades brasileiras. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 26 n. 2, 2015. Disponível em: https://www.RBSH.br/revista_sbrash/article/view/138/115. Acesso em: 14 set. 2023.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?format=pdf>. Acesso em 14 fev. 2024.

SANCHES, M. G. M.; SEI, M. B. A compreensão da violência conjugal na perspectiva psicanalítica: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 29 n. 2, 2018. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/54/58. Acesso em: 14 set. 2023.

SANTOS, F. F. D. Violência Doméstica contra a mulher: revisão de literatura. *Revista Ambivalências*, v. 8, n. 15, pp. 242-261, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/13736/10838>. Acesso em: 3 fev. 2024.

SBRASH. *Estatuto Social*. 2019a. Disponível em: <https://sbrash.org.br/estatuto-social/>. Acesso em: 10 maio 2024.

SBRASH. *Regimento Interno*. 2019b. Disponível em: <https://sbrash.org.br/estatuto-social/>. Acesso em: 10 maio 2024.

REIS, S. (org.). *SBRASH: três décadas e meia de sexologia no Brasil*. Rio de Janeiro: SBRASH, 2022.

SCHMITT, D. Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: a 48-nation 'study of sex, culture, and strategies of human mating'. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 28, p. 247-311, 2005. Disponível em: <https://www.unl.edu/rhames/courses/current/readings/Schmitt-ocr.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SERAPIÃO, J. J. Interdisciplinaridade em sexologia. In: ANDRADE SILVA, M. C.; SERAPIÃO, J. J.; JURBERG, P. *Sexologia: fundamentos para uma visão interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. UGF, 1997.

SILVA, F. F. Transexualidade: uma luta emancipatória. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 26 n. 2, 2015. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/135/112. Acesso em: 14 set. 2023.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7232758/mod_resource/content/1/metodologia%20minayo.pdf.

Acesso em: 4 fev. 2024.

SOUZA JÚNIOR, C. A.; MENDES, D. C. Políticas públicas para a população LGBT: uma revisão de estudos sobre o tema. *Caderno EBAPE*, v. 19 (spe), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/sLppG4k73FFG33g9qjZxWzB/#>. Acesso em: 28 set. 2023.

SOUZA, M. F. de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). *Revista Mediações*, v. 14, n. 2, p. 123-144, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4510/3792>. Acesso em: 28 set. 2023.

STF. *STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa*. STF, 2019. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>. Acesso em: 8 fev. 2024.

STOPPA, L. M. A homossexualidade como ferramenta para a autonomia sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 29, n. 2, p. 64-68, 2018. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/75/53. Acesso em: 8 fev. 2024.

TAVARES, E. *10 fatos sobre violência que têm a ver com economia*. Revista Exame, 2011. Disponível em: <https://exame.com/economia/10-fatos-sobre-violencia-que-tem-a-ver-com-economia/>. Acesso em: 2 out. 2023.

TAYLOR, A.; FONSECA, V. O controle da sexualidade feminina e o casamento na infância e adolescência. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 26, n. 2, 2015. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/133/110. Acesso em: 14 set. 2023.

TELLES, C. J. De menino a metrosssexual: a construção da masculinidade na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 29 n. 1, 2018. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/38/39. Acesso em: 14 set. 2023.

TOMBOLATO, M. A.; MAIA, A. C. B.; SANTOS, M. A. A trajetória de adoção de uma criança por um casal de lésbicas. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/RzryhbN4G7yqgrWjywtwjbh/?lang=pt#>. Acesso em: 4 fev. 2024.

TORRES, R. *Sexologia: o que é e quando procurar um sexólogo?* Site Sexestima, 2022. Disponível em: <https://sexestima.com.br/sexologia/>. Acesso em: 28 jan. 2024.

XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA (2024). Normas para envio. Site oficial. 2024. Disponível em: <https://www.cbsh.org.br/site/envio-de-trabalhos/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

ZANATTA, L. F.; BRÊTAS, J. R. Desigualdades de gênero entre adolescentes de acampamentos do MST no norte do Paraná. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 25, n. 1, 2014. Disponível em: https://www.RBSH.org.br/revista_sbrash/article/view/168/146. Acesso em: 14 set. 2023.

Recebido em: 10/11/2023

Aprovado em: 26/07/2024